

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO I, Nº39 - FEVEREIRO - PORTO VELHO, 2002
VOLUME III
ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
ARTUR MORETTI - Física
CELSO FERRAREZI - Letras
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação
MARIO COZZUOL - Biologia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos entre 3 e 7 laudas, tamanho de folha A4, fonte Os
textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO
TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa **39**



O CORPO DA PRODUÇÃO

MARIA CRISTIANE PEREIRA DE SOUZA



Maria Cristiane Pereira De Souza

Aluna de História – UFRO

mcristianeps@bol.com.br

O CORPO DA PRODUÇÃO

Que homens e mulheres são diferentes, a gente sabe e sente na pele. Mas há explicações científicas para determinados hábitos masculinos, como esclarecem os especialistas em comportamento Allan e Bárbara Pease, no bem-humorado livro "Porque os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?" (Editora Sextante). Porque é que ele ... Não escuta o que você diz quando está lendo ou vendo tevê? Por ter menos fibras conectoras entre os hemisférios cerebrais do que nós, o homem usa um lado de cada vez. Já reparou que ele não fala uma frase inteira enquanto faz sexo? Gosta que a gente se vista de prostituta (mas não em público). Como o cérebro masculino precisa de um pouco de variedade, ele engana a si mesmo e finge que têm um harém particular ao ver a sua mulher com diferentes roupas sensuais. (...)
Chora menos do que nós como a emoção do homem se posiciona, em geral, no hemisfério direito, e não no dois lados (nosso caso), é mais fácil para ele manejar as palavras, que vêm do hemisfério esquerdo, sem derramar lágrimas. (Joyce Moysés)

O texto apesar de breve retoma o constante dilema da guerra dos sexos que passa da instância do *sente na pele* ao mecanismo cerebral. Assim o leitor de *Decodificando a Mente Masculina* é introduzido em uma realidade intracerebral em que as atitudes humanas escapam ao domínio da razão psicológica e penetram nos domínios das leis do sistema cerebral.

A sentença *que homens e mulheres são diferentes, a gente sabe e sente na pele* são primícias de uma verdade básica, incontestável nos moldes do pensamento ocidental, nas fixações dos papéis homem e mulher. Qual é a prova evocada para tal verdade: o senso comum, a vivência; constituindo o dogma inabalável da divisão de gêneros como natural, condição determinada pela espécie a qual somos classificados. As formações *homem* e *mulher* neste pensamento mecanicista são funções irrefutáveis definidos pela condição além-anatômica, como decodificações específicas armazenadas nos cromossomos maquinais da espécie.

Explicações científicas. A ciência apregoa a concepção do corpo natural adicionando-lhe a intradimensão: profundidade densidade, complexidade, movimento, circulação, fluxo, direção, tudo isso regido por um maquinismo lógico, de leis verificáveis pelo manuseio do corpo. Desenvolve-se um modo mecânico de existência substancial.

Esclarecem os especialistas: a indefinição do *especialistas de comportamento* não traz ao texto e sua leitura qualquer invalidade. A imprecisão é amparada sob o prestígio da ciência com os métodos científicos que formam um discurso maciço e compacto, não se fazendo necessário à especificação dos agentes do

discurso. Não se questiona a identificação das concepções teóricas que se presta como base a tais estudos do comportamento como fenômeno biológico. O próprio texto de propõe a ser raso pelo tipo de clientela a que se dedica: “mulher, orientação de como viver num mundo caótico”. É necessário apenas saber-se que o fundamento para as sentenças que sequeem são baseadas e comprovadas pela ciência, logo confiáveis, inquestionáveis e convincentes em seus argumentos. A realidade que o corpo adquire com o estudo especializado científico – intramecânica, instrumento funcional, automático, movimento, natural – equivale à construção de um código de linguagens onde cada corpo de nossa sociedade é inscrito dando forma existencial ao corpo da produção, o instrumento da força de trabalho, um corpo do “mundo”.

Bem-humorado livro: a severidade e a austeridades, do discurso autoritário - voz unitária e imperativa, sem brechas da ciência é quebrantada e velado num “*Bem-humorado livro*”. Porque se fez necessário colocar no início do texto esta ressalva?

Após afirmar a possibilidade de “especialistas” terem desenvolvido a capacidade de decodificar o sistema social (a decodificação é sempre uma forma de leitura unidimensional pretendida há decifrar os códigos textuais do texto sociedade); inicia-se as sentenças cadenciadas relativizando cada comportamento à área espacial do cérebro que pré-determina as reações humanas.

Menos fibras conectoras: o cérebro masculino, tem menos ligadura, menos complicação. A simplicidade da estrutura cerebral relaciona-se a um esquema elementar, claro, límpido fácil de manobrar [não esqueçamos o objetivo da revista: orientar a *nova* mulher para uma *nova* vida dando dicas em suas relações] (Orlandi 1996: 56). O manual básico de “como funciona o homem” assegura-o como mecanismo subordinável, como menos complexo, beirando o rústico. O manual confirmar, como num arquétipo da bela e a fera, ser possível um tipo de mulher basicamente complexa - com mais *fibras conectoras* (a contraposição das espécies), ser capaz de subjugar o homem - estrutura cerebral mesmo complexa -, as suas vontades.

Um lado de cada vez: O funcionamento de cada parte por vez numa distribuição coordenada de dados dispostos “em áreas específicas do cérebro, difundidos em feixe grosso de nervos pelo corpo.” Nesta estrutura simples que se constitui o homem através do discurso sistematizado científico reforça o discurso de poder exercido pelo gênero masculino nas diversas instâncias da sociedade. Sua precisão e exatidão nas decisões são atribuídas ao pensamento coordenado que separa as partes: o emocional da razão (também um discurso magno básico do ocidente).

Cérebro masculino precisa: Quem tem precisão? O cérebro. A necessidade de trabalhar, comer, sexo, procriar, educa-los, amar, - todos os discursos que formam o Humano tornam-se naturalizados, universalizados integrados no cerne do corpo biológico.

Ele engana a si mesma: Ao homem ou ao cérebro? O que é o homem no discurso científico? A expressão externa, das estruturas e funções interiorizadas. O homem não utiliza, é utilizado como imagem e capa de uma máquina magnífica. A estrutura funciona, possuindo uma força inerente que governa as ações do externo – o homem psicológico, sociológico, histórico, antropológico e todas as outras categorias sistemáticas do conhecimento.

Emoção do homem posicionada (...) no hemisfério direito: o termo *posicionada* confere a emoção uma localização estagnada. O termo *emoção* esta relacionada no código analítico à palavra comoção, lástima, chorar –, (já se vislumbra uma explicação do por quê o choro é em menor quantidade no homem). A localização da sensibilização, da docilidade, da mansidão, da quase incoerência, impulsividade, sua incidência e descontrolo e da instabilidade – em fim, da natureza feminina está determinada num espaço do cérebro.

Palavras, (...) vêm do hemisfério esquerdo: a linguagem articulada pela voz, no cérebro, receber movimento pois ela, as palavras - instrumento discursivo - vêm, em oposto a estagnação conferida à emoção. As *funções* ativadas pelo cérebro cujos sinais tornam-se manifestação exterior do corpo, são os paradigmas do raciocínio lógico, da razão que formam os arquétipos do comportamento normal, natural, mecânico-fisiológico do homem.

O corpo orgânico, biológico e científico do século XIX/XX é constituído a partir da idéia naturalizante de um corpo histórico. Esta construção textual realizada a partir de uma linguagem científica fragmentada nas ciências humana: antropologia, arqueologia e a pré-história coligem ao corpo o movimento de transformação e processos biológicos criando um homem atemporal.

Os movimentos do corpo caracterizam-se pelo *movimento rápido:* adequação as modificações imposta; e o *movimento lento:* resistência às modificações. Um exemplo desses movimentos em ação encontra-se no desenvolvimento da visão do séc. XVIII e XIX de um corpo tratado como realidade bio-política alvo das políticas de medicalização e paralelo a esta propagação esta a reafirmação do corpo como propriedade do Estado, um corpo romano. Outra demonstração do *movimento lento* trata-se do corpo na Idade Média. Sua disposição - direito de vida e morte - ao soberano é condicionada as situações: quando se senti ameaçado em seus domínios o soberano convoca o povo a fim de defender o Estado e sua monarquia; quando preceitos do soberano são desrespeitados ele exerce o direito sobre a vida de seu súdito – causar a morte ou deixa viver. Foucault caracteriza tal poder condicionado: O poder era, antes de tudo, nesse tipo de sociedade, direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida; culminava como o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la. (Foucault, 1999: 128)

Com a constituição do corpo bio-político este “poder de confisco” é utilizado como potência organizadora dos mecanismos de poder que o capital emprega a fim de constituir as forças dominadas para a produção de força de trabalho, para “faze-las crescer, ordenadas, dobra-las ou destruí-las” (Foucault, 1999: 128). O controle e a vigilância exercida sobre o corpo tem a família como núcleo de formação de indivíduos adultos, que alcançando suas melhores condições físicas, atingem graus elevados no processo de maturidade do ser humano com a aplicação dos cuidados com a higiene e alimentação, amamentação das crianças, vestuários sadios e adequados, exercícios físicos, vacinação, etc.

Na perspectiva dada pelo capital ao direito de morte desloca-se atendendo as exigências de um poder que acondicione a vida e se ordene em função dos indivíduos-cidadãos. Surge o corpo social imbuído do direito de garantir a própria vida, mantê-la ou desenvolvê-la. Esse é um dos fundamentos ideológicos da pena

de morte: o Estado mata o outro para que milhões possam viver. "Assim as guerras em defesa do Estado caracterizam a luta pela existência de todos (pertencentes ao Estado ou coligados a ele), em detrimento de populações inteiras. Sucede assim a destruição mútua entre povos em nome da necessidade de viver." (Foucault)

A constituição do corpo biológico afeta o sistema de crenças na Idade Média (corpo a imagem e semelhança de Deus). O discurso científico prepara o corpo humano para o trabalho tornando-o natural, colocando-o entre os estudos de classificação das espécies animais, concebendo-o primeiro como corpo animal depois como máquina, autômato que configura espessura, complexidade, movimento intradimensional e na história: um corpo biológico humano. O *movimento* é um dos estigmas da ciência: é um componente próprio da linguagem da produção, da cadência que move o mundo da produção, o modo de fabricação e de consumo. A ciência impregna tudo e todos com seu olhar dilacerador: o olhar do relógio que despolitiza o humano, o desapropria do *movimento*. O engodo da *descoberta de conhecimento veraz científico* esconde a que invenção do movimento, da projeção de objetos e funções: os corpos são concepções pertencentes a linguagem-ciência desenvolvida pelo mundo burguês que cria o movimento e o pensamento sobre o movimento: que é a história.

A pré-história é um conhecimento constituído para compor o dinamismo histórico - movimento evolutivo - direcionado a estabelecer um corpo (estrutura anatômica e biológica) numa natureza e numa universalidade. Uma natureza regida por leis orgânicas (Darwin), logo um corpo orgânico componente de uma espécie: assim o ser encerra a sua separação da criação divina. O homem não é mais imagem e semelhança de Deus: é a imagem e semelhança da produção - é apenas homo sapiens, componente d'"A grande Família dos Homens" (exposição dos Estados Unidos realizada em Paris). A despeito dessa exposição sobre o evolucionismo Barthes comenta: "Aquilo que na origem, podia passar por uma expressão de ordem zoológica, retendo simplesmente, através da semelhança dos comportamentos, a unidade da espécie, foi aqui amplamente moralizado, sentimentalizado. Eis-nos imediatamente remetidos ao mito ambíguo da 'comunidade' humana, cujo álibi alimenta toda uma parte de nosso humanismo." (Barthes 1987: 113)

A pré-história cria uma infinidade de variações da espécie, identificando "a diversidade das peles, dos crânios e dos costumes, complica-se a imagem do mundo análogo a Babel." (Barthes 1987: 113). Estabelece a diferença das morfologias humanas para depois unifica-las: o homem nasce, trabalha, ri e morre por toda parte da mesma maneira, no mesmo sentido científico do termo e se nos seus atos subsiste ainda alguma particularidade étnica, deixa-se entender pelo menos que existe, no fundo de cada um deles, uma 'natureza' idêntica, sendo sua diversidade apenas uma formalidade cultural.

W. Gaiarsa (1986) reportando-se a origem do corpo humano, reproduz o discurso configurado pela linguagem científica do qual a pré-história fará parte, descreve: 3 bilhões e 500 milhões de anos de existência de vida na Terra; o processo seletivo pelo qual as diferentes espécies passaram onde 99% delas se extinguíram; das quais o Homo sapiens - 60 mil anos de formação - foi um dos sobreviventes; 10 mil anos de existência da civilização. Numa analogia odisséica, Gaiarsa eleva a história do corpo a saga das ações heróicas pela qual o homem, mais especificamente seu corpo, percorreu e resistiu a uma faustosa aventura. Advoga assim sobre o corpo: "Espero que o leitor esteja percebendo bem o número infinito de provas terríveis que os seres vivos enfrentaram e todas as infinitas transformações que sofreram, até chegar a produzir esta coisa que chamamos corpo humano." (Gaiarsa 1986: 30)

A Odisseu que exalta a soberania dos Deuses sobre o destino dos homens; Em Gaiarsa, sucede na odisséia do corpo: a proclamação da supremacia da máquina perfeita que o corpo expressa na magnitude de sua estrutura e funcionamento. O enaltecimento não encerra: consagra o corpo como o objeto mais valioso de todo o “universo” por sua engenhosidade como corpo *usina química - industria* em sua síntese, liberação e utilização de energia. As analogias feitas ao corpo são de tal maneira objetificadoras que uma sobre a outra vão revelando a estrutura textual científica que proliferado no consenso social tornam-se discursos assumidos e reproduzidos por indivíduos como primícias verdadeiras, de acordo com sua proveniência científica. Assim em leitura o corpo resumi a formatação “destacado do mundo, coisificado se tornou independente e pôde se vender e se propor como individualidade e interioridade”.(Caldas 1999: 32) A ruptura do corpo com a força de trabalho no processo de produção em que a única forma de obter lucro na venda do produto é comprar o produtor, transforma o trabalho em mercadoria. O homem científicado, é introduzido no mundo dos autômatos num processo de coisificação.

Numa análise das percepções de corpo constituída pela ciência Caldas especifica o corpo *fechado* e o corpo *aberto*. O primeiro é a expressão do corpo não-público, fechado ao processo de consumo pelo sentido do olhar, transmitindo a imagem da estranheza de um outro ser oco. O segundo são os corpos abertos ao tempo histórico, corpos dispostos que perpetuam a expressão da essência da vida, eterna imagem corpo devorável. As fotos são instrumentos de apreensão dessas compreensões: fotos antigas ou de povos atuais que estão isentos do processo de objetificação impetram um olhar vazio, de resistência enquanto fotos comerciais são a pura veiculação dos corpos consumíveis, a todo o momento que se olhe eles estão disponíveis.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. **MITOLOGIAS**. Difel, São Paulo, 1987.

CALDAS, Alberto Lins. **HERMENÊUTICA DO PRESENTE**. Caderno de Criação, UFRO/Dep. de História/CEI, n.º 11, ano III, Porto Velho, dezembro, 1996.

_____. **ORALIDADE, TEXTO E HISTÓRIA: PARA LER A HISTÓRIA ORAL**. Loyola, São Paulo, 1999a.

CODO, Wanderley e ASENNE Wilson. **O QUE É CORPO (LATRIA)**. Brasiliense, Col. Primeiros Passos, n.º 155, São Paulo, 1985.

FOUCAULT, Michel. **HISTÓRIA DA SEXUALIDADE - 1. A Vontade de saber**. Graal, Rio de Janeiro, 1985.

FOUCAULT, Michel. **HISTÓRIA DA SEXUALIDADE - 3. Cuidado de si**. Graal, Rio de Janeiro, 1999.

GAIARSA, W. **O QUE É CORPO**. Brasiliense, Col. Primeiros Passos, n.º 170, São Paulo, 1986.

HAJE, Lara. **DA SEDUÇÃO – Baudrillard, Jean**. www.abordo.com.br/sat/res02_lara.htm. 09/11/2000.

ORLANDI, **A LINGUAGEM E SEU FUNCIONAMENTO: AS FORMAS DO DISCURSO**. Campinas, Pontes, 1996.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

SUGESTÃO DE LEITURA

<i>pensar a coisa</i>	<i>ou no dilema da hora</i>
<i>é não fazê-la</i>	<i>quase como quem ora</i>
<i>pensá-la é prendê-la</i>	<i>dispara um poema</i>
<i>entre os olhos</i>	<i>pensar a coisa</i>
<i>ou pensá-la</i>	<i>é deixar que ela sozinha</i>
<i>entre as mãos</i>	<i>se pense</i>
<i>um ser não ser</i>	<i>que se calcule e se pese</i>
<i>quase infinito</i>	<i>se faça se coisifique</i>
<i>até que a coisa nasça</i>	<i>e assim e só então</i>
<i>pensar a coisa</i>	<i>seja algo</i>
<i>é não quase fazer um filho</i>	<i>além de si</i>
<i>que se faz por dentro</i>	<i>coisa</i>
<i>e de dentro nasce</i>	<i>quase asa quase força</i>
<i>nuvem sonho que pasce</i>	<i>na vida do ser</i>
<i>e sabe a sabor sangue</i>	<i>que decifrou</i>
<i>pensar a coisa</i>	
<i>é desfazê-la em silêncio</i>	CARLOS MOREIRA